



*Quando perguntaram
ao médico quais eram
as possibilidades
de recuperação da menina,
ele respondeu: «Não sei
dizer. Nunca vi alguém
tão ferido assim
que tivesse
conseguido sobreviver.»*

MARY CARSON

O Milagre de Ginny

NO DIA 25 de outubro de 1966 eu estava dando os retoques finais numa saia para minha filha Ginny, de seis anos. Sete dos meus oito filhos estavam na escola, devendo chegar daí a pouco, e o bebê dormia. Eu saboreava alguns minutos de silêncio.

Meu marido, Daw, e eu, tínhamos pouco mais de 30 anos e estávamos casados há 12 anos. Nossa família era extremamente feliz, e eu estava justamente pensando que nunca tivéramos algum problema realmente sério, quando John, meu filho de 10 anos, entrou correndo, seus olhos esbugalhados, o rosto pálido.

CONDENSADO DE «GINNY», © 1971 DE MARY CARSON

«Ginny foi atropelada por um caminhão!» gritou ele. John mal conseguiu dizer onde fora o desastre — a apenas um quarteirão e meio da nossa casa, na rua principal da cidade. Mandeí John tomar conta do bebê e saí correndo.

Lá adiante uma multidão reunia-se. Duas garotas estavam caídas na rua. Quis tomar Ginny nos braços, mas algo dentro de mim disse-me para não lhe tocar. O sangue jorrava da cabeça. Ela estava tão quieta! A outra criança chorava e voltou a cabeça. Era uma colega de classe de Ginny. Foi com alívio que ouvi a sirena da ambulância que virava a esquina. Disse aos meus filhos que então já estavam junto de mim que fossem para a casa do vizinho; iria ter com eles logo que pudesse.

Na ambulância, a minha mente recusava-se a perguntar se Ginny estaria morta. Ela era a criança mais ativa que eu já conhecera, cheia de entusiasmo e de ânimo. Nós a chamávamos «a garota trabalhadora», porque estava sempre arrumando alguma coisa. Acabara de entrar no primário, e vivia surpreendendo os professores com as suas idéias. Quando teve de levar para a escola uma foto de «algo criado por Deus», sugeriu que tirássemos um retrato todos juntos. Para Ginny, a nossa família era a maior obra de Deus.

Antes que eu desse dois passos na sala de emergência do hospital, uma enfermeira fez-me sair. Ainda vi alguém cortar as roupas de Ginny e outra pessoa limpando-lhe a boca.

Telefonei para Daw, e ele veio dali a minutos. Um padre da nossa paróquia chegou; cumprimentou-nos, mas entrou rápido na sala de emergência. Tinha sido chamado para administrar os últimos sacramentos. Apertei a mão de Daw e rezei.

Finalmente, saiu da sala o Dr. Stephen Burnstein, um neurocirurgião que por acaso estava no hospital quando trouxeram Ginny. Apresentou-se e descreveu os ferimentos de Ginny.

Apresentava fraturas e afundamentos do crânio e ele suspeitava que houvesse coágulos sanguíneos no cérebro. Se não operasse, ela não sobreviveria. Se fosse operada, teria uma possibilidade contra um milhão de aguentar aquela noite. Queria a nossa autorização para tentar essa chance, pois, caso sobrevivesse, poderia ficar semi ou totalmente incapacitada. Pedimos-lhe que a operasse, e fomos para casa, para ficar com os nossos outros filhos — e esperar.

Entre Ginny e Deus. Eu disse às crianças que Ginny estava gravemente ferida. Por causa delas, mantive-me firme — sem lágrimas, sem grandes cenas. Por mais agitadas e tolas que as crianças possam ser, às vezes, quando realmente necessitamos do seu apoio, podemos contar realmente com ele. Nesses dias, as nossas estavam solenes e jantaram calmamente a comida que eu preparei. Tentei comer, mas a primeira garfada ficou-me na garganta, como um algodão seco. Com Daw aconteceu o mesmo.

O Dr. Burnstein finalmente telefonou. Ginny ainda estava viva. Mas o seu cérebro fora muito atingido. Ele não sabia dizer se a operação a ajudara, nem podia ainda alterar a sua previsão quanto às possibilidades de sobrevivência.

Lembro-me perfeitamente do esforço que foi sair do carro e andar até ao quarto dela, naquela noite. A cabeça de Ginny, metida num capacete de ataduras, parecia enorme. O rosto estava inchado e o olho esquerdo era uma mancha negra que ia até ao meio do rosto. O lado direito do rosto estava em carne viva. Inconsciente e toda machucada, não se reconhecia nela a criança alegre e angélica que aquela manhã dissera «tchau» ao sair correndo para a escola.

Eu teria passado a noite com a criança, morrendo de angústia, mas Daw estava certo. Ele me fez sair do quarto, dizendo: «As outras crianças necessitam mais de nós.» Eu não sabia, naquela altura, que ele ainda estava pior que eu. Pelo telefone, o médico dissera-lhe: «Se quiser ver a sua filha ainda viva, venha já ao hospital.» Eu saí do hospital esperando voltar no dia seguinte, mas Daw não.

Antes de sair, visitamos a amiguinha de Ginny. Sofrera fraturas de perna e de clavícula e ferimentos internos, mas ficamos felizes de saber que ela não teria problemas.

Depois que as crianças deitaram, estávamos exaustos. Cada uma delas fez uma oração especial por Ginny, a maioria soluçando enquanto o

fazia. Mas Daw e eu não conseguimos dormir. Havia um cesto de roupa para passar, e eu trabalhei até às duas da manhã, esperando não ouvir o telefone tocar.

Às sete telefonamos para o hospital e uma enfermeira nos disse: «Ela passou a noite e continua aguentando.» Nesse dia vimos Ginny três vezes. Como tinha dificuldades em respirar, fizeram-lhe uma traqueotomia. Havia muito equipamento de cuidado intensivo em funcionamento — garrafa de oxigênio, sonda nasal, cateteres, tubos intravenosos. Em coma profunda, Ginny não podia abrir os olhos, respirar ou mexer-se sem auxílio. Os cuidados das enfermeiras eram completos, competentes e complicados; tudo o que eu podia fazer era estar junto da cama de Ginny e segurar-lhe a mão. Ela parecia lutar desesperadamente para viver — mas restava-lhe tão pouco com que combater!

Nessa noite, de novo ficamos ansiosamente atentos ao telefone. Não tocou! Ginny ainda estava conosco!

Os médicos admiravam-se da sua resistência. Um deles disse haverem feito o que era medicamente possível. Daí em diante, era entre Ginny e Deus.

Um Laço de Preocupação. À medida que os dias passavam, tornou-se claro que Ginny estaria em coma durante algum tempo. Decidiu-se fazer uma gastrotomia — a introdução de um tubo no seu estômago. Começou a receber alimentos

líquidos de hora em hora, umas quantas colheres de cada vez. Pouco a pouco, a quantidade foi sendo aumentada e suspensa a alimentação endovenosa. Cada vez que um aparelho era retirado do quarto, sentíamos que fora dado um passo à frente.

Os infatigáveis cuidados das enfermeiras com Ginny eram uma bela expressão de devoção. A constante mudança de posição e as massagens para manter a pele saudável, a paciência de repetirem as mesmas tarefas vezes sem conta — tudo demonstrava carinho. Falavam com ela enquanto trabalhavam, explicando cada movimento, como se ela pudesse ouvir.

Explicaram-nos que a primeira faculdade que se recupera é a audição. Pediram-nos que lhe falássemos sempre que estivéssemos com ela. De repente, Ginny poderia recommear a ouvir, e as nossas vozes lhe fariam bem.

Que dizer a um corpinho tão inerte? Dizíamos que os médicos e as enfermeiras estavam todos ajudando e que logo ela ficaria boa.

Eu lia, também, sem parar, um livro de poesias infantis. Achando que talvez a cansasse, eu dizia: «Se quiser que continue a ler, mexa a perna.» Às vezes uma perna mexia, e eu tinha certeza de que ela ouvia. O olho direito, menos machucado, já se abria, e, embora se movesse descontrolado ou fitasse sem expressão, havia momentos em que nos parecia que ela estava vendo.

Todos os tendões dos braços e

das pernas de Ginny começaram a enrijecer devido à coma. Os braços apertavam-se de encontro ao peito; as mãos fechavam-se tão fortemente que as unhas feriam as palmas. Raleigh Johnston, uma jovem fisioterapeuta com uma paciência de anjo, foi encarregada de exercitar os membros de Ginny, duas vezes ao dia.

Raleigh ensinou-me a ajudar, e finalmente eu tinha uma ocupação que podia ser de algum efeito positivo na recuperação de Ginny. Entretanto, ao fim de dois dias tornou-se evidente que os exercícios não evitariam distorções nos membros. Seus pulsos e tornozelos tiveram de ser engessados para se manterem em posição. Havia também exercícios para os tendões das pernas — obviamente dolorosos, pelas caretas que ela fazia. Mas Ginny não emitia qualquer som.

Certo dia maravilhoso, então, Raleigh forçou-lhe a perna e Ginny soltou um breve gemido doloroso! Num segundo, estavam no quarto todas as enfermeiras do andar. Todo o mundo chorava — incontidas lágrimas de alegria.

Eu pensava que uma pessoa saísse da coma de maneira espetacular, com os médicos anunciando triunfalmente: «Passou a crise!» Não foi assim com Ginny. Víamos as suas feridas cicatrizar-se, mas não podíamos saber o que se passava na sua cabecinha. Foi ganhando consciência lentamente, muito lentamente, até que um dia — depois de quase um mês — resolveu-se

fazê-la reaprender a comer. Para a sua primeira «refeição», a enfermeira pôs uma gota de sorvete na língua de Ginny. Ela engoliu. Comeu quase uma colher cheia. Ficamos na maior alegria.

Voltando para casa, encontramos uma enfermeira conhecida a quem contamos a maravilhosa novidade. Ela já sabia. Na verdade, o hospital todo sabia. Desde os serventes até aos médicos, todos se preocupavam com a «garotinha que se machucara tanto».

Fim do Caminho? Raleigh exercitava Ginny 11 vezes por semana. Certa manhã decidiu sentá-la na cama. Lentamente, fomos erguendo a menina, mas ela não se equilibrava. Daí em diante, a cada sessão nós a mantínhamos sentada mais um pouco. Continuava sem equilíbrio, mas o esforço parecia ir-se tornando menos doloroso para ela.

Pouco a pouco, aumentava a quantidade de alimentos que ela ingeria pela boca. Finalmente, alimentava-se o suficiente para que lhe removessem o tubo do estômago. Cerca de dois meses depois do acidente, o cateter foi também retirado. Ginny já funcionava pelos seus próprios meios.

Quando chegou o Natal, um dos pediatras conseguiu-nos a sala de visitas, e deixou Ginny descer para estar com as nossas outras crianças. O regulamento do hospital proibia visitas de crianças menores de 16 anos. Havia dois meses que as crianças não viam a irmã, e todas começaram a falar ao mesmo tempo:

«Olá Ginny!» «Lembra de nós?» «Você vem logo para casa?»

Embora Ginny não falasse, ela sorria. Lembrava-se deles e estava obviamente contente de vê-los. As expressões das crianças eram inolvidáveis — pelo amor, compaixão e ternura que irradiavam! Foi o nosso dia mais feliz em muito tempo.

Depois do Natal, Ginny atingiu uma fase estacionária. Continuei à cata dos pequenos sinais de melhora, mas o tempo arrastava-se sem alterações. Seria o fim do caminho?

Às vezes perguntavam-nos porque fazíamos tanta força para passar todo o minuto disponível com Ginny. Mas eu não conseguia ficar em casa. Cada passo dela à frente — como aquele primeiro gemido — ocorrera quando estávamos com ela. Essas visitas só eram possíveis porque muitas pessoas davam à nossa família muito do seu tempo. Frequentemente, quando estávamos no hospital, amigos iam à nossa casa e, ao regressar, eu encontrava coisas — uma lasanha, uma torta de carne ou um cozido, e um bilhete: «Achei que você hoje não teria vontade de cozinhar.» Tanta bondade!

Em meados de janeiro, melhorou então o equilíbrio de Ginny, ao ponto de poder ser colocada numa cadeira de rodas. Mas suas primeiras tentativas para pôr-se de pé exigiram três pessoas para ajudá-la. Ainda não tinha praticamente controle ou uso dos braços.

A maior parte do tempo estava alegre e carinhosa. Só se queixava

dos exercícios de extensão. Um dia, quando Raleigh começou a fazê-los, Ginny pôs-se a chorar. Olhou-me com todo o ar de súplica possível num rosto de criança e gritou: «Mamãe!»

A Garota Trabalhadora. Pelos meados de março, o médico fisio-terapeuta de Ginny disse-me: «Acho que de agora em diante basta ver Ginny três vezes por semana.» Ele já tinha saído quando compreendi totalmente o que dissera: Ginny podia ir para casa! As palavras eram insuficientes para exprimirem a minha gratidão e o meu amor pela gente do hospital. Gostavam de Ginny como se fosse filha deles. Havia sido deles durante 143 dias. A família estava novamente completa, e Ginny era outra vez «uma das crianças», tentando voltar tanto quanto possível à vida normal.

Ela queria refazer a sua fama de «garota trabalhadora». No começo, deslizava pela sala recolhendo brinquedos. Em seguida reaprendeu a andar agarrando-se aos móveis, para poder limpar o pó. Sentada na cadeira de rodas, chegou a tentar usar o aspirador.

Assim como não há dia certo para um bebê começar a falar, não se podia saber quando Ginny recuperaria a fala. Voltou gradualmente, ao longo de meses de árduo trabalho. Era igualmente difícil diferenciar quando ela se desequilibrava ou quando nos caía propositadamente nos braços. Finalmente, ela começou a estar de pé durante vários minutos, e pouco depois

estabeleceu um recorde de 39 passos. Daw perguntou ao médico assistente quais eram as possibilidades de recuperação total, e ele respondeu: «Não sei dizer. Nunca vi alguém tão ferido como ela que tivesse conseguido sobreviver.»

Em junho, oito meses depois do acidente, Ginny já se vestia sozinha, só não amarrava os sapatos. Seu andar melhorava. Estava aprendendo a readquirir equilíbrio ou a evitar os tombos agarrando-se ao móvel mais próximo. E já conversava. Quase dois anos depois do acidente, Ginny voltou à escola, para uma classe especial.

Em maio de 1969, os neuro-cirurgiões deram-lhe alta, confiantes em que, com o tempo, ela dominará ou aprenderá a compensar as suas deficiências. Para corrigir um certo jeito no andar, ela usa uma leve braçadeira ortopédica. Ainda tem dificuldade em alguns estudos e ainda alguma insegurança e falta de coordenação.

Para uma criança que se supunha não sobrevivesse, estas limitações parecem sem importância. A «garota trabalhadora» ainda tem o seu otimismo, a sua personalidade afetiva e a sua teimosa determinação. Um gosto pela vida e um amor a Deus e aos seus semelhantes que muitos nunca conseguem. Quem pode decidir: deficiente ou privilegiada? Aos 12 anos de idade, uma pequena porção do mundo tornou-se um pouco melhor pela sua presença. Quantos de nós podemos dizer a mesma coisa?